

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

AMANDA GONÇALVES SANDIM REIS

**COMO É NOTICIADA A VIOLÊNCIA SEXUAL CONTRA MULHER NO BRASIL:
ANÁLISE DE MANCHETES DE NOTÍCIAS SOBRE CASOS DE ESTUPRO**

**Bagé
2022**

AMANDA GONÇALVES SANDIM REIS

**COMO É NOTICIADA A VIOLÊNCIA SEXUAL CONTRA MULHER NO BRASIL:
ANÁLISE DE MANCHETES DE NOTÍCIAS SOBRE CASOS DE ESTUPRO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras - Português Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciada em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Thiago Santos da Silva

**Bagé
2022**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais).

R375C Reis, Amanda Gonçalves Sandim

Como é noticiada a violência sexual contra mulher no
Brasil: Análise de manchetes de notícias sobre casos de
estupro / Amanda Gonçalves Sandim Reis.

61 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -- Universidade
Federal do Pampa, LETRAS - PORTUGUÊS E LITERATURAS DE LÍNGUA
PORTUGUESA, 2022.

"Orientação: Thiago Santos da Silva".

1. Estupro. 2. ADC. 3. Atores Sociais. 4. Manchetes. I.
Título.

AMANDA GONÇALVES SANDIM REIS

**COMO É NOTICIADA A VIOLÊNCIA SEXUAL CONTRA MULHER NO BRASIL:
ANÁLISE DE MANCHETES DE NOTÍCIAS SOBRE CASOS DE ESTUPRO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras - Português e Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciada em Letras.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 03 de agosto de 2022

Banca examinadora:

Prof. Dr. Thiago Santos Da Silva
Orientador
UNIPAMPA

Profa. Dra. Mônica Ferreira Cassana
UFPEL

Profa. Dra. Isabel Cristina Ferreira Teixeira
UNIPAMPA



Assinado eletronicamente por **THIAGO SANTOS DA SILVA, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 03/08/2022, às 17:51, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **Monica Ferreira Cassana, Usuário Externo**, em 03/08/2022, às 22:49, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **ISABEL CRISTINA FERREIRA TEIXEIRA, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 17/08/2022, às 15:59, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0883829** eo código CRC **6300AA7B**.

Referência: Processo nº 23100.015828/2022-53 SEI nº 0883829

Dedico este trabalho a todas as mulheres, adolescentes e crianças vítimas de violência sexual. Espero que este trabalho leve a uma reflexão e que em um futuro próximo possamos viver em paz, em uma sociedade justa e não machista.

AGRADECIMENTO

Gostaria de agradecer ao professor Thiago, que me orientou com paciência e atenção, me mostrando caminhos, clareando minhas ideias e me auxiliando de todas as maneiras possíveis.

As professoras e professores do curso de Letras que fizeram parte da minha formação.

As minhas e meus colegas que fazem parte desta história, em especial o Arthur e a Alejandra, que foram os quais com que mais criei vínculos.

A minha avó, meu pai e minha mãe, que são as pessoas que me criaram e sem eles eu com certeza não estaria aqui.

Ao meu marido que sempre me incentivou e muitas vezes até pensou junto comigo sobre minhas análises.

A minha amiga Andricéli que sempre me incentivou e esteve comigo todo esse tempo.

As minhas ex-alunas e ex-alunos do PIBID e Residência pedagógica que me deram minhas primeiras experiências em sala de aula.

O corpo da mulher abusado e subalternizado mina a potência da alma feminina que se recolhe aos grotões de sua própria vida. A quebra da autoconfiança e da autoestima empurra as vítimas para a margem de seus caminhos existenciais. Não poucas, suicidam-se. Todas declaram-se, para sempre, sobreviventes. O peso do trauma as acompanha por toda a vida, dificultando as suas conquistas afetivas e profissionais. O falo foi vitorioso. Está assegurada a perpetuação do modelo patriarcal (CAMPOS, 2016, p.10).

RESUMO

Neste trabalho foi feita a análise de manchetes de notícias sobre casos de estupro no Brasil, objetivando, por meio da Análise de Discurso Crítica - ADC (FAIRCLOUGH, 2001 [1992]), verificar posicionamentos e possíveis interpretações destas manchetes, a fim de perceber como vítima e agressor são representados nos textos, podendo provocar a inversão de papéis entre ambos. Para fazer essa análise utilizamos, para o estudo da dimensão textual, ferramentas como as formas de representação dos atores sociais (VAN LEEUWEN, 1997), os sistemas de transitividade e de estrutura temática (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004), pois são sistemas que nos ajudam a encontrar o significado dos enunciados, assim como perceber as ideologias de quem os escreve, o que não deixa de ser um reflexo da sociedade em que vivemos. A partir das análises, utilizando o sistema de transitividade, identificamos que o estupro aparece na grande maioria das vezes como uma circunstância para outro acontecimento, e não como foco principal das manchetes analisadas. Por meio do sistema de estrutura temática, podemos perceber que, na maioria das vezes, o estupro não é o elemento temático da notícia. Em relação às formas de representação dos atores sociais, podemos constatar em diversas vezes que o agressor é incluído na manchete por passivação, podendo, em alguns casos, ser até excluído. Desse modo, podemos concluir que nestas manchetes, tanto o estupro como quem o praticou, são colocados em segundo plano, suavizando o crime.

Palavras-Chave: Estupro; ADC; Atores sociais; Manchetes

ABSTRACT

In this work, an analysis of news headlines concerning rape cases in Brazil was completed by Critical Discourse Analysis - CDA (FAIRCLOUGH, 2001 [1992]), to verify positions and possible interpretations of these headlines in an effort to understand how victims and aggressors are represented in the texts, which may provoke an inverse between the roles. To carry out this analysis we used tools such as forms of representation of social actors (VAN LEEUWEN, 1997), systems of transitivity and thematic structure (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004), for the systems that help us find the significance of the statements, as well as understand the ideologies of those who write them, which is a reflection of the society of which we live in. From the analysis, utilizing the system of transitivity, we identified that rape appears to be the consequence of another event, and not the principal focus of the headlines. Through the thematic structure system we can realize that, in most cases, rape is not the thematic element of the news. In relation to the forms of representation of social actors, we can see on several occasions that the aggressor is passively included in the headlines or, in some cases, excluded. This way we can conclude that in these headlines, both the victims and the aggressors are placed in the background, softening the crime.

Keywords: Rape; CDA; Social Actors; Headlines

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Modelo tridimensional de análise	35
Figura 2 – Representação dos atores sociais	37
Figura 3 – Tipos de processos e respectivos participantes	40
Figura 4 – Manchetes analisadas no estudo	43

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
2 MULHER E SOCIEDADE PATRIARCAL	20
2.1 GÊNERO SOCIAL E A MULHER A SOCIEDADE	20
2.2 A MULHER NO BRASIL E A CULTURA DO ESTUPRO	22
2.3 MACHISMO ESTRUTURAL E MASCULINIDADE TÓXICA	26
3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	29
3.1 FERRAMENTAS USADAS PARA AS ANÁLISES	35
4. METODOLOGIA	41
4.1 CRITÉRIOS DE CONSTITUIÇÃO DE CORPUS	41
4.2 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE	42
5. APRESENTAÇÃO DA PESQUISA E ANÁLISE DOS RESULTADOS	44
5.1 MANCHETES EM QUE O FOCO FOI A PRISÃO DO AGRESSOR E /OU INVESTIGAÇÃO DO CRIME	44
5.2 MANCHETES EM QUE O FOCO ESTÁ EM UMA SITUAÇÃO QUE NÃO É ESTUPRO	45
5.3 MANCHETES EM QUE O AGRESSOR NÃO APARECE	46
5.4 MANCHETE EM QUE O ESTUPRO APARECE COMO UMA CONSEQUÊNCIA DE UMA ATITUDE DA MULHER	47
5.5 MACHETE EM QUE O FOCO ESTÁ EM OUTRO CRIME E NÃO NO CRIME DE ESTUPRO	48
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
REFERÊNCIAS	52

1 INTRODUÇÃO

Podemos dizer que hoje em dia a manchete pode ser vista como uma das partes mais importantes de uma notícia, ainda mais quando pensamos em notícias online. Muitas pessoas, ao lerem as manchetes, tiram conclusões sobre determinada notícia sem ao menos ler o corpo do texto. Conseqüentemente, muitas vezes acabam se precipitando, tirando conclusões erradas e podendo levar tais informações distorcidas para mais pessoas.

Embora hoje em dia possamos ver isso mais em notícias online, podemos dizer que a manchete é parte crucial há muito tempo, pois sempre teve muito destaque, em jornais e revistas, afinal ela serve para chamar atenção e despertar o interesse pela leitura do texto da notícia.

Em casos de estupro isso também é muito presente, ainda mais quando levamos em conta o machismo estrutural presente em nossa sociedade, que faz com que muitas manchetes e notícias sejam escritas de forma que causem uma suavização para o crime e agressor, levando os leitores a acabar encontrando algum tipo de culpa nas vítimas, tal como é afirmado por Santos e Barcelos (2018),

em se tratando de vítimas mulheres, além das marcas psicológicas enfrentadas em decorrência do ato criminoso a que esta foi exposta, muitas vezes, a mulher acaba por enfrentar julgamentos sociais que a segregam e a conferem parcela da culpa de um crime o qual esta foi vítima. Isto se deve a visão arcaica deste crime e da figura feminina passada de geração em geração (SANTOS; BARCELOS, 2018, p.18).

Em muitos casos, além de toda a violência física e psicológica sofrida, a mulher ainda tem que enfrentar julgamentos, algumas vezes vindos até mesmo de outras mulheres. Inclusive as que lutam contra o machismo, acabam, em alguns momentos, se vendo vítimas desse problema estrutural que vem de anos e às vezes pode parecer até mesmo inofensivo, quando não pensamos nele como sendo parte importante da raiz do problema.

Como afirmam as autoras acima mencionadas, “ressalta-se que esta cultura machista não é sustentada apenas por homens, mas também por mulheres que aprenderam que seu gênero inferior e que acabam por também julgar as vítimas do crime de estupro” (SANTOS; BARCELOS, 2018, p. 19). Sendo assim, dependendo da

manchete, da pessoa que a está lendo, e do quanto essa pessoa está consciente do machismo estrutural existente na sociedade e de como ele se mostra, mais fácil seria uma inversão de papéis, fazendo com que a vítima se torne quem fez com que acontecesse todo o crime, como é afirmado por Goulart (2020),

diariamente mulheres têm seus corpos violados, mas a dor e a angústia de terem sido alvos de violência não se encerram com o ato, seja ele agressão física, verbal, psicológica ou sexual. As mulheres ainda são obrigadas a conviver com discursos machistas que relativizam sua dor e sofrimento, que as culpabilizam a todo instante, que deslegitimam tudo o que uma mulher vítima de abuso sofre (GOULART, 2020, p.15).

É como as famosas frases que costumamos ouvir, até mesmo quando presenciamos alguém contando sobre um caso de estupro: “Bebeu demais”, “A roupa era curta”, “Mas também, por que foi sair sozinha àquela hora?”, mostrando, além do machismo estrutural, também a cultura do estupro¹, em que abusos sexuais contra mulheres são normalizados, pois é ela que precisa tentar ao máximo não chamar atenção, já que o homem não tem controle sobre si próprio, ou seja, o estupro é uma consequência inevitável de uma atitude que a mulher teve, como colocar uma roupa curta. Sobre isso Campos (2016) defende que “o estupro, portanto, seria o paroxismo do domínio fálico. E mais ainda legitimado e tolerado quando se entende que houve uma provocação da vítima” (p. 09).

Tal cultura faz com que o estupro seja considerado aceitável, quando se entende que a vítima teve algum comportamento que o causou, mesmo sendo classificado como crime hediondo pela justiça brasileira. Antes de continuarmos, um trecho do que é considerado um crime hediondo:

Em Direito Penal, é um adjetivo que qualifica o crime que, por sua natureza, causa repulsa. O crime hediondo é inafiançável e insuscetível de graça, indulto ou anistia, fiança e liberdade provisória. São considerados hediondos: tortura; tráfico de drogas; terrorismo; homicídio, quando praticado em atividade típica de grupo de extermínio, ainda que cometido por um só agente; homicídio qualificado; latrocínio; extorsão qualificada pela morte; extorsão mediante seqüestro e na forma qualificada; estupro; atentado violento ao pudor; epidemia com resultado morte; genocídio; falsificação; corrupção ou alteração de produto destinado a fins terapêuticos ou medicinais. Considera-se também hediondo o crime de genocídio

¹ O conceito de cultura do estupro e de machismo estrutural nas seções 2.3 e 2.4 da contextualização.

previsto nos artigos 1º, 2º e 3º da Lei nº 2.889/56, tentado ou consumado (Veja Código Penal - Decreto-Lei nº 2.848/40) (CONSELHO NACIONAL DO MINISTÉRIO PÚBLICO, online).

A autora ainda acrescenta que “a culpa imediata é a culpa pela’ provocação’, a vítima provocou o seu algoz, esse ser inocente que foi engendrado em sua teia irresistível de sedução” (CAMPOS, 2016, p. 09).

Além do mais, um estupro gera muitas consequências para a vítima, não apenas traumas psicológicos, o que já é muito, mas também, muitas vezes gera uma gravidez indesejada, infecções sexualmente transmissíveis, entre outras tantas consequências. Santos e Barcelos (2018) apresentam relevantes dados sobre as consequências de um abuso sexual:

Em sua pesquisa, o IPEA [Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada] constatou que as consequências mais frequentes são o estresse pós-traumático, o transtorno de comportamento e a gravidez com 23,3%, 11,4% e 7,1% respectivamente (CERQUEIRA et al, 2014, p. 14). Outra consequência do crime de estupro são as Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST). O IPEA relatou que, segundo o Ministério da Saúde, 16% a 58% das vítimas possuem chances de adquirir tais doenças. (SANTOS; BARCELOS, 2018, p. 07)

Sendo assim, podemos dizer que o estupro deixa inúmeras sequelas nas vítimas, além do trauma. Por isso é necessário se falar, discutir e debater sobre esse assunto, como bem afirmam as autoras no trecho a seguir:

A ausência de um amplo debate público sobre o tema tende a dificultar cada vez mais a busca das vítimas por ajuda. Tais consequências como a dificuldade em se autoaceitar, além da forma como a vítima passa a ser enxergada pela sociedade é decorrente de um problema sociocultural advindo do patriarcalismo que há muito existe, sendo classificado hoje como a cultura do estupro. (SANTOS; BARCELLOS, 2018, p.9)

Com base no exposto acima, este trabalho possui como objetivo geral analisar manchetes de notícias sobre estupro e perceber quais papéis são atribuídos à vítima e ao agressor nos referidos textos. Este objetivo se desdobra nos seguintes objetivos específicos: Estudar as escolhas linguísticas relacionadas ao homem e a mulher nessas manchetes; Interpretar os significados que esses papéis geram; Verificar como esses papéis e seus significados se relacionam com a cultura do estupro.

Pretendemos com este estudo gerar um debate sobre este tema fazendo esta análise usando a Análise de Discurso Crítica (FAIRCLOUGH, 2001 [1992]), doravante ADC, tendo como ferramentas principais as formas de representação dos atores sociais (VAN LEEUWEN, 1997) e os sistemas de transitividade e de estrutura temática, propostos pela Gramática Sistêmico-Funcional (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004). Com a primeira ferramenta, podemos identificar quais papéis são atribuídos aos participantes presentes nestas manchetes. Com a segunda, uma descrição total das orações com o intuito de entender como os atores são representados pelas escolhas linguísticas utilizadas na construção dos textos analisados. Por fim, com a terceira, podemos verificar como as manchetes foram organizadas e qual o tema principal delas.

Este trabalho apresenta uma importância social levando em consideração toda a luta das mulheres por anos em busca de respeito, paz, justiça e liberdade, o que é um direito de todos, pois pretendemos com esta análise levar os leitores a uma reflexão sobre manchetes e procuramos entender qual o papel é atribuído às vítimas e qual o papel é atribuído ao agressor.

Com isso, buscamos perceber como uma manchete, que muitas vezes pode ser vista como algo simples, pode prejudicar essa luta, trazendo informações que não são claras e podem acabar sendo interpretadas de forma equivocada, embora não possamos afirmar que não é justamente essa a intenção.

É também muito importante falar sobre esse assunto para mim (a autora) em um âmbito pessoal, pois cresci em meio a este machismo estrutural e vi muitas vezes até mesmo minha própria família julgar a vítima, enquanto o agressor não sofreu julgamento algum da maioria. Acredito também ser muito relevante para minha vida profissional tanto para a prática de minha escrita argumentativa quanto para minhas reflexões críticas, para futuramente ajudar meus alunos a observar a sociedade em que vivem e perceberem onde estão os equívocos dessa sociedade em relação à mulher, assim como, conseguir ajudar meus alunos levando em conta que, ao longo do caminho, posso me deparar com alguns passando por situações como esta.

A seguir a contextualização, onde aparecem os principais conceitos apresentados ao longo do texto. Em seguida apresentamos a fundamentação teórica, mostrando assim como nossas análises foram feitas. Após isso, a metodologia que

traz o quadro com as manchetes que foram analisadas e os procedimentos de análise. Depois a análise propriamente dita, seguida de considerações finais, referências e apêndices.

2 MULHER E SOCIEDADE PATRIARCAL

Nesta seção estão os principais assuntos que são apresentados ao longo do trabalho, sendo eles: gênero social e a mulher na sociedade, a mulher no Brasil, cultura do estupro, machismo estrutural e masculinidade tóxica. Todos esses temas são abordados ao decorrer do texto, e por isso estão explicados em subseções.

2.1 Gênero social² e a mulher na sociedade

A mulher foi e é discriminada em muitas partes do mundo, e ao longo da história enfrentou muitas situações de horror, violência e imposições absurdas. A partir de muitos estudos realizados e dados históricos, acabamos por perceber que todo esse processo se deu pela noção de gênero social associado ao órgão genital com que o indivíduo nasceu, que diz que as mulheres precisam ter um determinado comportamento enquanto homens devem ter outro, e embora as situações sejam diferentes de lugar para lugar, e de momento histórico para momento histórico, o que sempre há em comum é que o argumento para que isso aconteça é o fator “gênero”.

Esse fator é definido levando em conta o corpo com o qual a pessoa nasceu e seus órgãos reprodutores, e, na grande maioria dos casos, faz com que ser considerado alguém do gênero feminino implique em certos comportamentos pré-definidos e obrigações, como por exemplo, de ser mãe, cuidar da casa, ser recatada, entre outros tantos. Sendo assim, o gênero social é uma forma de rotular pessoas na sociedade, levando em consideração o sexo biológico dos indivíduos, e por isso, definindo papéis para homens e mulheres (SCOTT, 2019).

Esse processo de definição de comportamentos é algo considerado natural pela sociedade, que, por muitas vezes, não chega a analisar as imposições de forma lógica e justa. A respeito desse ponto, Piscitelli (2012) esclarece que “quando as distribuições desiguais de poder entre homens e mulheres são vistas como resultado das diferenças, tidas como naturais, que se atribuem a um e outras, essas desigualdades também são naturalizadas” (PISCITELLI, 2012, p.119). Ou seja, a

² Alinhando-se com estudiosas da linguística aplicada que usam o termo “gênero social” como Débora Carvalho Figueiredo, Vera Lúcia Pires, entre outras.

sociedade não percebe a injustiça presente em se ditar regras para uma pessoa levando em conta seu gênero, pois acha tudo muito natural e certo, pois tanto a noção de gênero como a predefinição de comportamentos embasados no gênero de uma pessoa é algo estrutural da sociedade em que vivemos.

Mesmo sendo visto como algo natural, a desigualdade entre homens e mulheres é apenas uma convenção cultural, como defendido pela autora ao relatar o posicionamento da bióloga Donna Haraway que afirma que

quando nascemos somos classificados pelo nosso corpo, de acordo com os órgãos genitais, como menina ou menino. Mas as maneiras de ser homem ou mulher não derivam desses genitais, mas de aprendizagens que são culturais que variam segundo o momento histórico, o lugar, a classe social. (PISCITELLI, 2012 p. 124)

Sendo assim, os indivíduos não nascem com vontade de ter determinado comportamento por conta de ter um genital A ou B, mas sim a sociedade cria essas regras usando esses genitais como ponto de partida. O conceito de gênero foi formulado através dos pensamentos feministas, na década de 1970 (PISCITELLI, 2012).

Justamente para mostrar que não há diferença entre os gêneros, que não importa o órgão genital do indivíduo, é possível observar que existem mulheres que nasceram com o órgão masculino e vice-versa, que é o caso das/dos transexuais. Com isso, inclusive o conceito de gênero e sexualidade foram desassociados, ou seja, o gênero não define nem mesmo nossas relações românticas, pois gênero e sexualidade são coisas diferentes. A sexualidade é a busca de relacionamentos íntimos, de amor, contato, envolve questões biológicas, psicológicas e sociais, ela influencia sentimentos, ações e interações, influenciando também na nossa saúde física e mental. Nesse sentido, não é possível delimitar sexualidade apenas ao órgão reprodutor e/ou gênero do indivíduo (CAMARGO; NETO, 2017).

Outra prova de que gênero é uma construção social está no fato de que as tarefas femininas e masculinas não são fixas, variando de uma cultura para outra, ou seja, cada cultura decide por si só o que considera masculino e feminino, evidenciando que não se trata de algo natural, mas cultural. Pensando nisso, podemos afirmar que

em algum momento o patriarcado teve início e se teve início pode ter um fim. Como afirma Scott (2019)

o gênero é igualmente utilizado para designar as relações sociais entre os sexos. O seu uso rejeita explicitamente as justificativas biológicas, como aquelas que encontram um denominador comum para várias formas de subordinação no fato de que as mulheres têm filhos e que os homens têm uma força muscular superior. O gênero se torna, aliás, uma maneira de indicar as “construções sociais” – a criação inteiramente social das ideias sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres. É uma maneira de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades” (SCOTT, 2019, p. 51)

Sendo assim, podemos afirmar que o gênero associado ao sexo biológico dos indivíduos nada mais é do que uma ferramenta criada pelo homem para ter uma base para criar relações de dominação e subordinação, sendo uma construção sociocultural que é usado para atribuir significado e valor aos indivíduos que constituem a sociedade (LAURETIS, 2019) A dissociação do gênero e do sexo biológico que foi trazida pelas feministas fez com que se refletisse sobre essas relações de subordinação que a associação promove. Logo, o gênero é usado como um dos fatores para dizer o quanto um indivíduo vale na sociedade, não sendo o único fator, pois também há fatores como raça, orientação sexual, classe social, entre outros.

2.2 A mulher no Brasil e a Cultura do Estupro

Sabemos que no Brasil há inúmeros casos de violência contra mulher, espancamentos, estupro, assédio, abuso físico e psicológico entre outros, chegando até mesmo a inúmeros casos de feminicídios. Precisamos também lembrar que entre os casos existem variantes, ou seja, a quantidade de casos de violência e frequência muda dependendo da raça e da classe social das vítimas. Sobre as desigualdades no Brasil, Piscitelli (2012) pontua que “se, além de pensar nas diferenças nos salários e nas horas de trabalho, também considerarmos as violências sofridas pelas mulheres no Brasil, o quadro de desigualdade se torna ainda mais crítico” (p. 121).

Há no Brasil inúmeros casos por dia de violência contra mulher e estupro, e isto é recorrente desde a época da colonização. Os colonizadores estupravam as indígenas que aqui viviam, em seguida, com a escravidão, a mulher negra era vista

como um objeto propriedade dos senhores da casa grande, sendo estuprada muitas vezes até mesmo como forma de punição (SANTOS; BARCELLOS, 2018). Com isso, podemos perceber que o estupro no Brasil existe desde sempre, os colonizadores praticavam este crime com naturalidade.

O Brasil é o 4º país onde mais ocorrem casos de violência sexual no mundo, a cada 11 minutos acontece algum caso de estupro contra alguma mulher no país, o que é bastante preocupante (SANTOS; BARCELLOS, 2018)

No senso comum, estupro significa forçar alguém a manter relações sexuais contra a vontade usando a força, violência ou até mesmo ameaças. Em termos etimológicos e históricos, podemos entender, segundo Campos (2016), que

o termo estupro tem a sua origem na palavra latina “*stuprum*” que significa “manter relações culpáveis”. Não é uma invenção moderna, nem clássica. O estupro não nasceu a partir de um marco civilizatório. Em suas origens não está a transgressão de uma lei, mas sim, a imposição de uma vontade de um sujeito perverso sobre a vontade de um outro, fazendo prevalecer a vontade do mais forte, por conseguinte, a “lei” do mais forte. (CAMPOS, 2016, p. 02-03)

Sendo assim, podemos dizer que “estupro” significa o fato de um ser mais forte achar que tem direito de manter relações com um mais fraco usando a força. Já o crime de estupro se caracteriza por ser

todo e qualquer ato sexual realizado sem o consentimento de uma das partes envolvidas – a vítima. Contudo, este crime nem sempre fora tratado como tal. Ao longo da história humana, desde o surgimento das sociedades, o estupro se faz presente sendo visto como uma ferramenta de punição e demonstração de poder (SANTOS; BARCELLOS, 2018, p.03).

O estupro era uma forma de mostrar dominância, até mesmo em guerras, havia bastante casos em que um soldado de um determinado lado, estuprova as mulheres do lado inimigo. Mesmo sendo visto como antiético, esse tipo de comportamento sempre foi comum. A violência sexual causa terror em mulheres e crianças desde a pré-história. Depois com a dominância de fundamentos religiosos, essa violência passou a ser vista como algo errado, porém muitas vezes mulheres vítimas de estupro, eram consideradas impuras e pecadoras (SANTOS; BARCELLOS, 2018).

A cultura do estupro é o reflexo de uma sociedade patriarcal, que vê as mulheres como algo que é de sua propriedade. Mostra toda uma sociedade patriarcal que prega que a mulher deve se prevenir para não ser estuprada, e caso isso aconteça pesa a situação olhando para as atitudes da mulher, sendo que se a mesma está alcoolizada, ou com roupa curta, ou usufrui de sua liberdade sexual, é imediatamente considerada culpada pelo ocorrido (GOULART, 2020).

Logo, nunca houve um momento em que os estupros começaram, sempre existiram, apenas faz pouco tempo que as vítimas começaram, pelo menos no Brasil, a ter voz, ainda muito pouca, mas o suficiente para trazer alguns casos à tona. O estupro existe desde a pré-história, quando era comum essa prática, tanto de machos para fêmeas, como de machos mais fortes para machos mais fracos. Campos (2016) explica que

o estupro, portanto, em sua gênese, nasce de uma perversão daquele que o pratica e não de uma cultura. Essa perversão foi estudada por Freud (2006) em seu estudo “Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade e Outros Trabalhos” de 1905. Essa perversão, especificamente, diria respeito ao sadismo. Esse sadismo residiria numa inclinação do sujeito a infligir dor ao seu objeto de desejo sexual. O sádico seria impotente para uma relação sexual na qual não houvesse a resistência e sofrimento de seu objeto de desejo. (CAMPOS, 2016, p. 04)

Na era pré-histórica, muitos crimes, que hoje são considerados hediondos, eram comuns entre os seres humanos, o estupro era um, mas existiam outros, como assassinar crianças, matar o pai, matar a mãe, coisas que até hoje quando acontecem ainda causam alvoroço e horror na sociedade. Já com o estupro não é exatamente assim. É como se entre todos os crimes hediondos que existem desde sempre, e que hoje em dia a civilização já tem uma sensibilidade maior, esse fosse o único que foi suavizado, ou seja, para esses outros crimes não há justificativa, enquanto para o estupro as pessoas analisam a situação e dependendo não acham que é algo tão ruim. Isso acontece, por exemplo, quando alguém estupra a própria esposa, ou quando a mulher que foi vítima de estupro não é “alguém digno”, na visão da sociedade, pois não é recatada, estava com uma roupa curta, ou havia bebido (CAMPOS, 2016).

O termo Cultura do Estupro também é algo que pede uma reflexão, afinal de contas até que ponto a palavra “cultura” suaviza o estupro, levando em consideração que esta palavra remete a algo natural, como uma tradição.

A “cultura do estupro” é essa suavização, que legitima esses atos, pois, como vivemos em uma sociedade patriarcal, estuprar nada mais é do que exercer seu direito de macho, é a fêmea que tem que zelar por si própria e passar o mais despercebida possível, pois afinal de contas o macho não pode controlar suas vontades. Então, se a fêmea está provocando, ela assumiu o risco e isso é uma consequência de um ato seu. Campos (2016) define a Cultura do Estupro como:

o problema [que] nos assoma na medida em que essa perversão, no que diz respeito à prática do estupro, é legitimada pelos modelos sociais construídos e impostos pelos processos civilizatórios que têm como marco o início da história. É a legitimação de uma prática perversa através de sua normalização que inaugura, então, a sua “cultura”. (CAMPOS, 2016, p.05)

Ou seja, matar o pai é algo que traz uma culpa justamente por essa sociedade ser patriarcal, pois nesse caso o macho faz uma violência contra outro macho superior. Quando um crime é contra a mãe, pode-se pensar que é algo culpável, pois ela é a fêmea principal daquela família, que se encaixa muitas vezes na imagem que a sociedade costuma ter de mulheres recatadas. Já quando é infanticídio, gera culpa, pois o dever do macho é proteger a família, incluindo os filhotes.

Por sua vez, quando o caso é de estupro, essa culpa não aparece, pois a dominação sobre as mulheres é algo que eles sentiam como se estivesse no direito deles, e quando eram mulheres de outras famílias e lugares, ou até sobre algum macho mais frágil era uma forma de demonstrar poder através da crueldade. E essa cultura permanece até hoje. No modelo patriarcal, o poder se dá através da subjugação, em que o mais forte deve prevalecer sobre o mais fraco para se autoafirmar como dominante, e sendo assim a prática do estupro é uma ferramenta para a manutenção dessa dominação do mais forte para o mais fraco, ou do homem para a mulher. A cultura do estupro é o nome dado a essa ferramenta (CAMPOS, 2016).

O estupro se apresenta como um método de manutenção do patriarcado, pois oprime as mulheres, sendo usado como punição, pois é muitas vezes legitimado se a

mulher estava com roupa curta, saindo a noite, e etc., ou seja, tudo acontece porque a mulher estava exercendo a sua liberdade, o que é inaceitável na sociedade patriarcal. Nesse sentido, ter sido estuprada é apenas uma consequência desta mulher estar saindo dos padrões impostos pelo o patriarcado.

Isso é muito visível, em uma cidade pequena, por exemplo, se as mulheres estão saindo bastante à noite, desacompanhadas, e uma delas acaba por ser estuprada, a notícia irá correr e não só a que sofreu o ataque, mas também as outras ficarão com medo de sair na rua, controlando assim as mulheres. Como Campos (2016) afirma “a culpa mediata, senão a originária, a de fundo, é a culpa por estar apropriada de seu próprio corpo, de seus desejos e de suas vontades” (p. 09).

Portanto, é como se a vítima tivesse apenas sendo punida por exercer comportamentos que não são aceitos nas sociedades patriarcais, cuidando para que o patriarcado não seja ameaçado, e continue subjugando e prejudicando mulheres e grupos minoritários. É como se na sociedade tivesse uma pirâmide que cada vez vai se aprofundando mais, no topo está o homem branco heterossexual, logo após as mulheres e grupos minoritários, não deixando de frisar que isso vai mais além dependendo da raça e classe social pois isso varia, ou seja, a mulher branca está em uma esfera, já a mulher negra está em outra, menos valorizada ainda. Um exemplo é o fato do número de violências contra mulheres ser bem maior para com mulheres negras do que para com mulheres brancas, como podemos ver no portal atarde.com.br, que diz que entre os casos de violência sexual contra mulher no Brasil em 2017, 73% destes foram contra mulheres negras, o que é uma diferença bem grande em relação as violências sofridas por mulheres brancas.

2.3 Machismo Estrutural e Masculinidade Tóxica

Outro assunto que precisamos refletir é sobre o machismo estrutural presente em nossa sociedade, alguns exemplos transparecem bem o que é esse machismo, como quando se dá uma boneca para uma menina e um carrinho para um menino, ou quando se fala para uma menina que ela tem que casar e ter filhos, e para o menino que ele deve ter sucesso profissional. Essas ações parecem comuns, não levam a uma reflexão, nem causam estranhamentos. Elas dão a entender que a diferença de

tratamento e intenções para o futuro é algo natural, ou melhor, estrutural da sociedade. Além disso, como o próprio termo indica: “Machismo Estrutural”, são os comportamentos machistas normalizados pela sociedade, naturalizados, fazendo parte de sua estrutura. É realmente a parte mais difícil de lidar, pois, por ser estrutural, está enraizado nos indivíduos. Como afirma Oliveira (2019):

quando falamos do machismo estrutural, que se fortalece em nosso dia a dia através da cultura do patriarcado, sob formas que são atenuadas pela religião, pelas piadas, pela suposta descontração, justificada pela “natureza biológica” masculina, o combate torna-se infinitamente mais difícil. Sou solteira e ainda não tenho filhos. Há quatro anos, quando minha mãe morreu, todos perguntaram se eu iria morar na casa dela com meus irmãos. A mesma pergunta não foi feita ao meu outro irmão que é casado. Simples: a vida de uma mulher sem um homem e que não procriou vale menos que a de um homem casado, e isso é estrutural, quase imperceptível (OLIVEIRA, 2019, online).

O machismo estrutural é exatamente isso, coisas comuns na sociedade, vistas como naturais, como frases do tipo: “Já sabe cozinhar, já pode casar”, que parecem inofensivas, mas que traduzem todo um machismo enraizado na sociedade, que além de ser perigoso por estar enraizado, é muito difícil combater por muitas vezes passar despercebido.

Segundo Hintze (2020),

Entendemos este fenômeno como a construção, a organização, a disposição e a ordem de elementos que compõem o corpo social, dando sustentação à dominação patriarcal, enaltecendo os valores constituídos como “masculinos” em direito e (des)proporcional detrimento da condição autônoma dos valores constituídos como “femininos em todas as suas manifestações, em especial na mulher. Como sistema de opressão do feminino, o machismo estrutural mesmo enaltecendo os valores “masculinos” e os sujeitos que convencionamos chamar de “homens”, é produtor de mazelas e pressões para estes “homens” em torno de uma brutal exigência de sua masculinidade e estimulando e exigindo comportamentos que, muitas vezes, lhes causam profundos danos psíquicos – de formas e proporções diferentes dos danos produzidos às “mulheres”. (HINTZE, 2020, np)

Ou seja, o machismo estrutural faz com que os valores considerados como masculinos sejam mais valiosos na sociedade, e conseqüentemente faz com que os “homens” detentores destes valores acabem tendo mais direitos e sendo vistos como

superiores as “mulheres” que seriam as detentoras dos valores vistos como femininos, assim como costuma menosprezar “homens” que não tenham tais valores por eles considerados como masculinos. Esse machismo, não causa apenas danos a “mulheres” como foi dito acima, mas também aos “homens” que não se encaixam nele. Para estes casos temos a expressão “Masculinidade Tóxica”.

A expressão “Masculinidade Tóxica” foi criada para dar nome à crença de que há comportamentos que meninos e homens são obrigados a ter, levando em consideração seu gênero, definido através seu órgão reprodutor pela sociedade. Nas palavras de Mesquita e Corrêa (2021):

no fim da última década, a expressão “masculinidade tóxica” passou a ser utilizada para nomear, com tom crítico, o conjunto de comportamentos associados à suposta crença da superioridade masculina, a qual é acompanhada de uma agressividade insidiosa, que alcança os próprios homens e as pessoas com quem estes se relacionam. Pode-se relacionar a utilização do termo à ideia de envenenamento das relações sociais, e do próprio sujeito que performa essa imagem viril, exigida para se encaixar no padrão masculino. (MESQUITA; CORREA, 2021, p. 02)

Então, essa expressão serve como uma forma de criticar as imposições feitas aos homens, para que esses sejam aceitos como alguém do sexo masculino na sociedade, é a crença de que para ser homem precisa ser viril, agressivo e sem muitos sentimentos, ou pelo menos, não deixar que os sentimentos transpareçam.

A masculinidade tóxica faz mal para a sociedade em um todo, tanto para quem não é do gênero masculino como para quem é, pois toda essa agressividade e comportamento exigido, faz com que outras pessoas fiquem à mercê desses comportamentos assim como os próprios homens não podem ser eles mesmos, em relação a sentimentos e comportamentos. O comportamento esperado dos homens, nesse padrão, oferece muitos riscos a mulheres e a comunidade LGBTQ+, no que se refere a possibilidade de acabarem sofrendo algum tipo de violência de homens que adotaram esse tipo de comportamento. Como afirmado a seguir:

Além disso, esse modelo de masculinidade acaba por apresentar o iminente risco de resultar em comportamentos violentos contra mulheres e pessoas LGBTQ+, o que consiste em um grande problema social enfrentado no Brasil. Tendo isto em mente, pode-se perceber que os homens correspondem aos sujeitos que mais cometem suicídios, ao mesmo tempo em que são os que mais praticam violência no ambiente doméstico e crimes relacionados à

LGBTfobia. Nota-se, dessa forma, a presença de uma perturbação real que atinge essa esfera do masculino. (MESQUITA; CORRÊA, 2021 p. 02)

Logo, esse padrão de comportamento acaba afetando toda a sociedade, não apenas os que não são do gênero masculino, mas também quem se enquadra neste gênero.

Em relação ao estupro essa masculinidade tóxica tem uma parcela de culpa nos casos, pois ela prega que homens tem que ser sexualmente ativos, como se fossem machos predadores que precisam agir ao menor descuido das fêmeas, como se não pudessem se controlar, para que não tenham sua masculinidade colocada à prova, o que faz com que ajam como se quem tivesse que se prevenir para não ser estuprada seja a mulher, pois eles como homens tem o dever de agir se essa mulher fizer qualquer coisa que seja considerada pela sociedade uma brecha.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para analisar as manchetes usamos, como pressuposto teórico-metodológico, a Análise de Discurso Crítica, proposta por Norman Fairclough, que estuda a linguagem como prática social, e entende o texto como unidade básica de comunicação e, portanto, como a unidade mínima de análise. Por meio da análise textual, podemos investigar quais as ideologias que aparecem nos discursos presentes na sociedade, levando em consideração o contexto, o momento histórico e o lugar em que o sujeito está situado. A linguagem através dos discursos tem o poder de manter situações na sociedade, assim como é através destes que podemos tentar mudar algo, debatendo e gerando uma reflexão sobre determinada situação.

Por isso, a ADC é de extrema importância, pois, como afirma Magalhães (2005) “oferece uma valiosa contribuição de linguistas para o debate ligado a questões ligadas ao racismo, à discriminação baseada no sexo, ao controle e manipulação institucional, à violência, à identidade nacional, à auto identidade, e a identidade de gênero, à exclusão” (p. 03).

A ADC tem por objetivo analisar discursos que acabam desfavorecendo alguns grupos da sociedade, que são colocados em situações inferiores, para assim investigar de que forma esses discursos fazem com que a sociedade caminhe de determinada forma, favorecendo os que já estão em um lugar mais favorável, como no caso da nossa sociedade patriarcal. Isto é, interessa para a ADC analisar o discurso usado por os que detém o poder, e para quem estes falam, e fazem acreditar nesta ideologia o que faz com que as coisas continuem como estão.

A análise de discurso adota o ponto de vista de quem sofre e analisa de forma crítica os discursos dos que estão no poder em determinada conjuntura social, e conseqüentemente são responsáveis por o primeiro grupo estar de determinada forma não satisfatória. Essa perspectiva busca deixar visível coisas que estão distorcidas nesses discursos e mostrar a natureza daquele discurso, sempre levando em conta a estrutura social e o momento histórico em que os sujeitos estão inseridos. A ADC olha para os discursos e o contexto em que são produzidos, vendo a relação dos textos com os grupos dominantes e o processo de produção e interpretação dos discursos

presentes sociedade, os contextos que os mesmos aparecem e como são legitimados, como a seguir:

a LC [Linguística Crítica] e a ³ACD tentam evitar estabelecer uma relação simplista de determinação entre os textos e o social, Levando em conta as premissas de que o discurso é estruturado pela dominação: que cada discurso é historicamente produzido e interpretado, isto é, está situado no tempo e no espaço; e que as estruturas de dominação são legitimadas pelas ideologias dos grupos que detém o poder, a abordagem complexa defendida pelos proponentes da LC e da ACD possibilita a análise das pressões verticalizadas, e das possibilidades de resistência às relações desiguais de poder que figuram como convenções sociais. (WODAK, 2004, p. 226)

Sendo assim, a ADC entende que todos os discursos presentes na sociedade, tidos como “naturais”, são apenas ideologias de grupos que são privilegiados e tem um poder em relação aos demais, por exemplo, discursos que dizem que mulher tem que ser mãe, ou precisa “se dar ao respeito” e o conceito que está por trás desse termo que vem da sociedade patriarcal, ou seja, de uma ideologia patriarcal.

A ADC reflete sobre o funcionamento da linguagem na sociedade de forma teórica, mas dispõe de ferramentas para a análise, como pontuam Vieira e Macedo (2018): “Afim, são os gêneros textuais que circulam em uma sociedade que revelam os valores, crenças, ideologias, e marcas da mesma” (p.49). Desse modo, através dos discursos presentes na sociedade, podemos ver um retrato da mesma, percebendo quais ideologias ditam as regras.

Considerando que a ADC se apresenta como uma proposta teórico-metodológica, discorreremos inicialmente sobre alguns conceitos básicos para a teoria, como Discurso, Poder, Hegemonia, Ideologia e Práticas Sociais, embasados em Vieira e Macedo (2018). Em seguida, expomos o aspecto metodológico, com o modelo tridimensional de análise.

Para a ACD, o termo *discurso* tem dois significados, um abstrato e outro concreto. O significado abstrato é o conceito do termo, refere-se ao fato de que a linguagem é algo indispensável na vida social e que ela se manifesta através de discursos, já na forma concreta é o modo do sujeito, dependendo dos interesses, representar o mundo, como um discurso religioso, por exemplo (VIEIRA; MACEDO,

³ Nas primeiras traduções “Critical discourse analysis” era Análise Crítica do Discurso, mas a partir principalmente de Magalhães (2005), foi adotada a Análise de Discurso Crítica. Não há um consenso terminológico entre os estudiosos alinhados a essa perspectiva.

2018). É possível também estabelecer a diferença entre quando dizemos “discursos” no plural, e “discurso” no singular. Segundo os autores “quando dizemos *discursos*, no plural, estamos nos referindo a discurso como prática, que é a forma concreta; *discurso*, no singular, refere-se ao discurso que é parte dessas práticas” (VIEIRA; MACEDO, 2018 p. 57). Desse modo, o discurso abstrato é o discurso no singular, já o concreto é no plural, já que só existe um conceito, que pode ser colocado em prática de várias formas. Em ADC discurso é texto e interação da sociedade, como na citação a seguir:

Em ADC, discurso tem sentido de texto e de interação porque Fairclough reúne a análise linguística e a teoria social do discurso para conceituá-lo. O termo, então, abandona qualquer sentido de neutralidade. Por isso, em ADC, discurso é linguagem como forma de prática social, e não puramente individual ou situacional. (VIEIRA; MACEDO, 2018 p.57)

Ou seja, discursos são práticas sociais, demonstram quem está no poder na sociedade em determinado momento, e qual a ideologia deste grupo. Por isso, aponta para qual ideologia é aceita pela maior parte da sociedade, ou seja, quais práticas detém o poder.

Já o conceito de *poder* para ADC é entendido como o conjunto de práticas que dominam as relações sociais, não sendo atribuído a apenas um sujeito. Na ADC, diretamente relacionado ao poder está o conceito de hegemonia, “porque essa perspectiva se preocupa com os efeitos ideológicos que os textos possam ter sobre as relações sociais em favor de projetos específicos de dominação” (VIEIRA; MACEDO, 2018 p. 58). Assim, a hegemonia se dá por alianças de sujeitos que pensam e produzem discursos com o mesmo ponto de vista e ideologia, ou seja,

o ponto importante do conceito de hegemonia é o de que ela se estabelece mais pela construção de alianças, pela integração e pelo consentimento do que pela simples dominação. Consentimento é, portanto, um conceito-chave quando se fala de hegemonia. É por isso que a prática discursiva (produção, distribuição e consumo) e a interpretação de textos, facetas da luta hegemônica, contribuem para a reprodução ou para manutenção da ordem do discurso e das relações sociais. É aqui que entram as representações ideológicas. Hegemonia é relação de dominação baseada no consentimento, que envolve a naturalização de práticas, daí o conceito de hegemonia enfatizar a importância da ideologia. (VIEIRA; MACEDO, 2018 p. 58-59)

Sendo assim, Hegemonia é o que mantém as relações de poder na sociedade, através do consentimento dos sujeitos que são induzidos, através dos discursos que têm como ideologia o que acreditam os que detêm o poder, como é o caso do que foi falado na contextualização sobre ser natural, para a maioria dos sujeitos que compõem a sociedade impor certos comportamentos aos sujeitos a depender do gênero que é definido através do órgão reprodutor.

O conceito de ideologia, segundo a ADC, é o motivo por que determinado grupo está falando algo, é a finalidade daquele grupo com determinado discurso, ou seja, é o que aquele grupo acredita e está tentando passar, logo é o posicionamento dos sujeitos na sociedade. Sendo assim,

ideologia relaciona-se mais com quem está falando o que, para quem e com que finalidade do que as propriedades linguísticas de um pronunciamento, pois a representação do discurso não é mera questão gramatical, mas um processo ideológico. Analisar textos significa considerar quais vozes são representadas, direta e indiretamente, passiva ou ativamente, nominal ou impessoalmente e, claro, quais as consequências e os reflexos destas escolhas perante o interlocutor. Para a ADC, a ideologia estabelece e sustenta relações de dominação. (VIEIRA; MACEDO, 2018 p. 59)

Portanto, observando as ideologias presentes nos discursos, podemos perceber qual camada da sociedade está sendo representada, e onde se quer chegar com esta determinada fala. Podemos analisar o discurso e perceber a ideologia, e entender onde o produtor deste discurso quer chegar e/ou em quem. Através desta percepção, podemos entender até que ponto concordamos com esta ideologia, caso não concordemos em criar argumentos e produzir outros discursos que combatam o primeiro.

Podemos dizer que a relação do discurso com as práticas sociais é ambígua, um não existe sem o outro, ou seja, os discursos geram a prática social e a prática social gera o discurso, e assim por diante. OLIVEIRA; BATISTA, 2013 trazem a definição de “ideologia” por Fairclough: “pressuposições do senso comum implícitas nas convenções de acordo com as quais as pessoas interagem linguisticamente e das quais as pessoas geralmente não estão conscientes”, podemos ver isso no caso do machismo estrutural, por exemplo, onde muitas vezes os sujeitos têm discursos racistas ou machistas sem ao menos perceber, pois aquilo já está naturalizado por muitos discursos anteriores.

Todo fenômeno linguístico, no caso dos discursos, é resultante de convenções sociais. Ao longo dos tempos muitas vezes discursos foram censurados por ter grande peso e ameaçar os poderosos, como no caso da Alemanha na Segunda Guerra mundial e da Ditadura no Brasil, onde havia muita censura, e apenas os discursos que manipulavam o povo a favor de quem estava podiam ir a público. Oliveira e Batista (2013) esclarecem que “as relações existentes entre língua e sociedade são inegáveis. Fairclough chama nossa atenção para os efeitos constitutivos do discurso, que contribuem para a construção de identidades sociais, posições de sujeito, relações sociais, sistemas de conhecimento e crenças”. (OLIVEIRA; BATISTA, 2013, p.03).

A ADC ao estudar a linguagem como prática social, busca ver a conexão entre o uso da mesma e as relações de poder na sociedade. Por isso, em seu aspecto metodológico,

ADC é um conjunto de abordagens científicas interdisciplinares e transdisciplinares para estudos críticos da linguagem como prática social. É a teoria e método para mapeamento de conexões entre o uso da linguagem e as relações de poder na sociedade. É teoria e método pois não apenas propõe uma reflexão teórica acerca do funcionamento da linguagem nas práticas sociais, como também propõe modos para análise de textos. Aqui, já se deduz, facilmente: o texto é a unidade mínima das análises em ADC. (VIEIRA; MACEDO, 2018 p.49)

Como já foi dito, o discurso nada mais é do que a linguagem como prática social, logo o texto é a unidade mínima, existindo muitos fatores fora dele, como o processo histórico e a ideologia. Por trás de um texto, se analisarmos juntamente com o contexto, podemos perceber as crenças, posição social e ideologia do sujeito que está produzindo este discurso. Como já falado acima, a sociedade molda o discurso assim como o discurso molda a sociedade, logo eles têm uma relação dialética.

A ADC tem como foco perceber intenções implícitas e explícitas nos discursos, percebendo assim, jogos de poder, discriminação, manipulação, presentes nos discursos. Neste trabalho vamos usar a ADC pra analisar quais ideologias presentes em manchetes sobre casos de estupro no Brasil.

Vieira e Macedo (2018), retomando Chouliaraki e Fairclough (1999), recuperam os passos metodológicos necessários para que uma análise em ADC seja feita, sendo

eles: percepção do problema (como relações de poder), identificação de obstáculos (elementos das práticas sociais) para que o problema seja superado, identificação da função do problema na prática, identificação dos possíveis modos de ultrapassarmos os obstáculos e reflexão sobre a análise.

A ADC propôs o modelo tridimensional de análise, que considera os seguintes níveis: a análise textual, análise da prática discursiva e análise da prática social, conforme Figura 1.

Figura 1 – Modelo tridimensional de análise



Fonte: Vieira e Macedo (2018 p. 66)

Para fazer a análise do nível textual das manchetes, levaremos em conta as seguintes categorias de análise: o Vocabulário, a Gramática e a Coesão (OLIVEIRA; BATISTA, 2013).

O vocabulário nos mostra as palavras escolhidas para determinado discurso, levando em conta que dependendo da palavra o peso do discurso muda. Para analisar um texto precisamos observar as escolhas lexicais feitas por quem o escreveu, através dessas escolhas podemos perceber as posições ideológicas dos mesmos (OLIVEIRA; BATISTA, 2013). Podemos usar como exemplo algumas notícias encontradas durante a constituição do *corpus*. É possível perceber que em alguns veículos se utiliza a expressão “acusado de estupro” ou “suspeito de estupro” e em

outros “fulano está sendo processado por agressão sexual”. Certamente, as escolhas não são aleatórias e buscaremos entender porque tais escolhas são realizadas.

Na parte gramatical, é preciso estar atento as nominalizações e as vozes verbais. A nominalização ocorre quando se oculta o autor de determinado ato, por exemplo, em uma manchete de estupro diz: “Houve um estupro esta noite em uma rua da cidade”⁴. Ao nominalizar o verbo “estuprar”, há o apagamento de que houve uma ação explícita, assim ocultando quem praticou a ação e quem sofreu a ação realizada. Há também a voz ativa e passiva, na ativa aparece o sujeito fazendo a ação, por exemplo: “Mulher bebe demais e é estuprada”, podemos perceber no início a voz ativa, dizendo que uma mulher bebeu demais, e já no final uma voz passiva e o agente não é mencionado, “e é estuprada”, por quem? O sujeito que bebeu demais ficou claro, enquanto o que cometeu o estupro com o primeiro não.

A coesão trata das ligações entre orações e frases, na análise aparecem mais de forma adversativa, como por exemplo: “Ela foi estuprada na festa, mas estava dando mole para o rapaz”. Nesse momento, fica implícito que este estupro não pode ser considerado algo tão ruim, pois ela estava “querendo”.

A análise da prática discursiva olha fatores que envolvem a produção e interpretação textual, prestando atenção nas condições de produção, assim como a distribuição de determinado discurso. Por sua vez, a prática social está ligada às condições da sociedade que moldam essas práticas discursivas (VIEIRA; MACEDO, 2018), identificando os aspectos ideológicos e hegemônicos.

3.1 Ferramentas usadas para as análises

Para dar conta da análise no nível textual, também nos embasamos na proposta de van Leeuwen (1997) para as formas de representação dos atores sociais, que nos diz que há diferentes modos linguísticos de apresentar os sujeitos envolvidos em dado evento social. O modo de representação escolhido diz muito sobre as ideologias do produtor do texto. O autor classifica as formas de representação

⁴ Todos os exemplos trazidos nas sessões são fictícios, não fazendo parte das manchetes escolhidas para a análise.

conforme esquema apresentado na Figura 2.

Figura 2 – Representação dos atores sociais

	Categoria sociológica	Tipo e/ou definição	Como se realiza
Exclusão	Supressão	Exclusão total do ator social.	- apagamento do agente da passiva; - orações infinitivas que funcionam como um participante gramatical; - nominalizações; - adjetivos.
	Encobrimento (segundo plano)	Exclusão parcial do ator social.	- apagamento do agente da passiva; - orações infinitivas que funcionam como um participante gramatical; - nominalizações; - adjetivos; - elipses.
Inclusão	Ativação	Ator social representado como força ativa numa atividade.	- papéis gramaticais participantes (Ator, Experienciador, Dizente, Comportante, Atribuidor); - circunstancialização.
	Passivação	Ator social representado se submetendo à atividade ou sendo afetado por ela.	- papéis gramaticais participantes (Meta, Fenômeno, Portador); - circunstancialização; - possessivação.
	Genericização	Atores sociais representados como classes.	- plural sem artigo definido; - singular com artigo definido; - tempo presente (ações habituais, universais).

Fonte: Fuzer (2010, p. 28)

Através dessa imagem, podemos ver algumas das possibilidades de representação dos atores sociais. Para este estudo, interessam as duas macrodivisões: Inclusão e Exclusão.

Além dessas macrodivisões, interessa-nos considerar também a subdivisão de Inclusão em Ativação e Passivação. Nos casos da categoria de Exclusão, aparece por Supressão e Encobrimento, sendo que quando o ator social não aparece há uma supressão, já o encobrimento ocorre quando há a ocultação parcial desse ator social. Já nos casos de inclusão, nas minhas análises me detenho a dois tipos: A inclusão

por passivação e ativação, sendo a primeira quando o sujeito está sofrendo determinada ação e a segunda quando está praticando determinada ação.

O ponto de partida para a análise das formas como os atores sociais estão representados num discurso é a noção de agência. É preciso verificar quais atores sociais estão representados e em que contextos estão representados como “agentes” e como “pacientes”. Além disso, é preciso considerar que nem sempre a agência sociológica é realizada pela agência linguística. Isso significa que nem sempre um ator social estará preenchendo, no nível gramatical, o papel do participante agente (Ator, Experienciador, Dizente, por exemplo, nos termos da GSF [Gramática Sistemico-Funcional]) (FUZER, 2010, p.24)

Essa agência acaba dando significado às ações desses sujeitos, levando em conta que esta passivação ou ativação vai dizer se o sujeito está sofrendo ou praticando determinada ação.

Essas formas de representar atores sociais é útil, pois, dependendo de quais dessas possibilidades são usadas pelo locutor, podemos verificar seus posicionamentos na sociedade. Por exemplo, quando em um caso de abuso, o sujeito que escreve determinada manchete faz com que a vítima apareça de forma ativa e o agressor de forma passiva, ou até mesmo quando faz uma exclusão deste agressor. Analisando através das formas de representação dos atores sociais podemos ver quais atores sociais e atividades incluídas (de diversas formas) e excluídas (por supressão ou encobrimento) em uma situação/enunciado (FUZER, 2010), frisando que essas escolhas linguísticas atribuem significados ao contexto, segundo a autora:

A gramática de uma língua, como um sistema de escolhas, constitui um potencial de significados. Para representar suas experiências, por meio da linguagem, as pessoas optam por uma ou outra estrutura. Dependendo dessas escolhas, atores sociais podem ser incluídos ou excluídos nos discursos de diferentes formas. (FUZER, 2010, p. 23)

A linguagem é um modo de um sujeito expressar suas experiências, e essas escolhas mostram como esse sujeito quer que tais experiências sejam interpretadas. Por exemplo, duas pessoas ou mais que vivenciaram a mesma experiência, dependendo de suas ideologias, podem enxergá-la de formas diferentes, e assim a representarão através de suas escolhas linguísticas. Dependendo dessas escolhas afirmamos quem somos e como pensamos na sociedade.

Como afirma Fuzer (2010), "Dependendo da sua história de vida, cada ator social atribui certa relevância a determinados temas, aspectos ou situações, constituindo o conhecimento de suas experiências" (p.23), precisamos levar em conta também que dependendo de tudo isso, ao nos expressarmos através da linguagem, temos um propósito, consciente ou inconsciente.

Também usamos para a análise o sistema de transitividade proposto na Gramática Sistêmico-Funcional (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004), o qual nos permite analisar que nossas experiências são representadas de acordo com nossos ideais, ou seja, o que acontece no mundo será visto por nós de acordo com o que acreditamos internamente, e quando expressamos essas experiências será conforme nosso ponto de vista, nossa percepção. Segundo Fuzer e Cabral (2014), "os significados experienciais relacionam-se com o que se faz no mundo - o campo. A parte da gramática em que se manifestam os significados experienciais é o sistema de transitividade" (p. 39).

A transitividade estuda aspectos léxicos-gramaticais capazes de representar as experiências dos atores sociais por meio da linguagem, então a transitividade é a parte da gramática desses enunciados (FUZER e CABRAL, 2014). Na gramática sistêmico funcional, a transitividade é uma forma de descrição da oração, onde observamos processos, participantes e circunstâncias. Nessa descrição, o processo indica a ação expressa na oração, os participantes são os sujeitos ou entidades envolvidas, e a circunstância mostra o contexto em que esse processo ocorreu, como o lugar, os motivos entre outras coisas. Os processos pelos quais os sujeitos representam suas experiências se dão por seis tipos: materiais, mentais e relacionais, verbais, comportamentais e existenciais.

As orações materiais trazem um fluxo de eventos sendo definidas como "fazer e acontecer" (FUZER e CABRAL), um participante faz esta sequência de ações, o resultado dessas ações se denomina Meta, em alguns casos o participante também pode ser a Meta, se o resultado do processo tiver um resultado sobre ele, sendo que nem sempre o participante ativo que faz com que o processo aconteça é necessariamente um humano. As orações mentais referem-se a experiências que acontecem na nossa consciência, como pensar, sentir, entre outros. Enquanto as orações materiais afetam a realidade, as orações mentais afetam a percepção das

mesmas, nesse tipo de oração os participantes são normalmente humanos, ou entidades criadas pela mente humana. As as orações relacionais servem para relacionar duas entidades diferentes, por isso nestas orações sempre haverá dois participantes. As orações comportamentais como o nome diz tem a ver com comportamentos do sujeito, como rir, chorar, entre outros, o participante é o comportante. As verbais, tem a ver com dizer, relatar, explicar, sendo o participante dizente, receptor, entre outros. Já a existencial tem a ver com existir, acontecer... O participante é o existente. Para facilitar o entendimento apresento a figura a seguir:

Figura 3: Tipos de processos e respectivos participantes

Tipos de processo	Significado de categoria	Participantes	Exemplos de verbos
Material Transformativo Criativo	Fazer Acontecer	Ator Meta Escopo Beneficiário (Recebedor, Cliente) Atributo	Comprar, vender, mexer, pintar, cortar, quebrar, riscar, limpar, sujar, bater, matar, construir, pintar...
Mental Perceptivo Cognitivo Emotivo Desiderativo	Perceber Pensar Sentir Desejar	Experienciador Fenômeno	Perceber, ver, ouvir, lembrar, esquecer, pensar, saber, gostar, odiar, amar, querer
Relacional Intensivo Possessivo Circunstancial	Caracterizar Identificar	Portador Atributo Identificado Identificador	Ser (otimista) Ser (o presidente) Estar (em paz) Ter (livros)...
Comportamental	Comportar-se	Comportante Comportamento	Rir, chorar, dormir, cantar, dançar, bocejar

Verbal Atividade Semiose	Dizer	Dizente Verbiagem Receptor Alvo	Dizer, perguntar, responder, contar relatar, explicar...
Existencial	Existir	Existente	Haver, existir, acontecer

Fonte: Fuzer e Cabral (2014) p.81,82 Organizado com base em Halliday e Matthiessen 2004.

Por último usamos também na análise o sistema de estrutura temática (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004), que nos permite analisar os significados textuais da oração, ou seja, a organização da mensagem que o locutor está passando, assim podemos ver o que o sujeito que realiza o enunciado considera de maior importância no mesmo. Esse sistema é responsável pela forma como as orações são organizadas, sempre tentamos organizar o que queremos passar de forma que fique de fácil entendimento para o interlocutor, a não ser que o intuito seja realmente confundir, mesmo assim existem discursos planejados e espontâneos, tudo dependendo do contexto. Fuzer e Cabral (2014) esclarecem que

Na GSF há dois sistemas paralelos e inter-relacionados de análise que envolvem a organização da mensagem num texto. O primeiro deles é chamado de estrutura da informação e envolve componentes que são denominados informação dada e informação nova (nível do conteúdo). O segundo é chamado estrutura temática e envolve as funções denominadas tema e rema (nível da oração) (FUZER; CABRAL, 2014, p. XX).

Por hora vamos nos deter na segunda, que é a ferramenta que usamos em nossa análise. Nesse sistema, o Tema é a parte principal de uma oração, seu ponto de partida, o Tema dita como a oração se desenvolverá, indicando de modo geral para depois com o Rema trazer uma informação mais detalhada. Por isso, para GSF o Tema acaba sendo a parte “mais importante” da informação que aquela oração está trazendo, sendo assim o Rema é o desenvolvimento do Tema (FUZER e CABRAL, 2014).

4. METODOLOGIA

Em relação aos passos metodológicos adotados neste trabalho, em um primeiro momento, houve uma reunião com o professor orientador para definir sobre o que se trataria o trabalho, a decisão foi sobre estudar manchetes sobre casos de estupro que ocorreram no Brasil. Em um segundo momento, foram definidos os objetivos da pesquisa, tendo como objetivo geral analisar manchetes de notícias sobre estupro e perceber quais papéis são atribuídos à mulher (vítima) e ao homem (agressor) nos referidos textos. Em um terceiro momento, foi estabelecido o *corpus*, a partir de pesquisa das manchetes que poderiam ser utilizadas para análise. Definido isso, foi necessário estabelecer critérios para a seleção das manchetes analisadas.

4.1 Critérios de constituição de corpos

Para escolher as manchetes analisadas, em um primeiro momento, foi definido de que período temporal seriam as manchetes. Sendo assim, ficou acertado que seriam manchetes de notícias de âmbito nacional, publicadas entre os anos de 2021 e 2022, sendo o ano de 2021 o ano que iniciamos a pesquisa e no ano de 2022 a sua finalização. Logo em seguida, iniciou-se o mapeamento dos veículos de comunicação que noticiaram sobre estupro no período definido. Foi decidido também que o veículo de notícias seria online, por ser o mais recorrente nos tempos atuais, com muita força para fazer com que as manchetes se espalhem rapidamente. Depois de algumas pesquisas em sites de busca, os portais *Metrópoles* e *G1* foram escolhidos, por serem os que mais apareciam quando pesquisamos casos de estupro em 2021 e 2022.

As manchetes escolhidas foram as que tratavam exclusivamente de casos de estupro. Assim, manchetes que falavam sobre violência sexual de modo mais geral, números e outros fatores foram descartadas, escolhendo apenas as que tratavam de um caso em específico. Os termos usados para a pesquisa foram: *casos de violência sexual no Brasil*, *violência sexual Metrôpoles*, *violência sexual G1*, *Notícias de Estupro no Brasil*, *Notícias de Estupro Metrôpoles*, *Notícias de Estupro G1*. O levantamento das manchetes foi feito na ferramenta “Notícias”, do site Google.

A partir da aplicação dos critérios apresentados acima, chegamos às 10 manchetes expostas na Figura 3.

Figura 4 - Manchetes analisadas no estudo

Código	Manchete	Data da publicação	Veículo de notícia
M1	Jovem esfaqueia sogros após namorada de 16 anos dizer que era estuprada	14/09/2021	Metrópoles
M2	Mulher marca encontro pelo Facebook, é estuprada e teme estar grávida do agressor	07/10/2021	Metrópoles
M3	Homens são presos por suspeitas de estupro de vulnerável, em Pinheiral	01/11/2021	G1
M4	Irmãs engravidaram quatro vezes após serem estupradas pelo mesmo homem	29/12/2021	Metrópoles
M5	Idoso é preso por estupro de vulnerável após ser flagrado pela companheira cometendo abuso	30/12/2021	G1
M6	Homem é preso suspeito de abuso sexual contra a enteada de 7 anos, em João Pessoa	31/01/2022	G1
M7	Massoterapeuta é investigado por suspeita de abuso sexual contra clientes em SC	15/02/2022	G1
M8	Adolescente de 14 anos é estuprada a caminho da escola no DF	17/02/2022	Metrópoles
M9	Após “gravidez em banheira de hotel”, mulher alega ter sofrido estupro	21/02/2022	Metrópoles
M10	Caseiro é preso após filmar estupro de criança de 8 anos no DF	26/02/2022	Metrópoles

Fonte: Autora

4.2 Procedimentos de análise

A análise foi feita a partir do modelo tridimensional de análise da ADC. Para isso foi observado o modo como a mulher é representada na manchete, bem como de que forma o agressor aparece e, a partir disso, tentar definir qual papel é dado a cada uma das partes, assim como qual o significado isso traz para o contexto, para então refletir sobre qual(is) ideologia(s) estão presentes de forma explícita ou implícita nessas manchetes.

Além disso, investigamos se o modo como as manchetes são colocadas acabam por deixar a notícia distorcida ou até com um peso menor. Para ficar mais clara esta análise, foram escolhidas manchetes diferentes, para fazer como uma forma de comparação, e tentar entender porque algumas estão colocadas de uma determinada forma e outras não.

Neste trabalho, analisamos manchetes de notícias sobre estupro que ocorreram no Brasil, para ver até que ponto pode-se dizer que a cultura do estupro se manifesta nessas manchetes, pois como pontua Goulart (2020)

a inversão dos papéis, em relação a representação dos atores sociais como agentes ou pacientes, evidencia posicionamentos, pois quando uma vítima de abuso sexual é colocada como agente da situação, e não como quem sofre a ação, podemos perceber um discurso que culpabiliza a vítima e desculpabiliza o agressor. (GOULART, 2020 p. 22)

Olhamos como a mulher está representada nestas manchetes e como o homem aparece, ou melhor, como vítima e agressor aparecem, e como isso afeta nos significados, mexendo com o contexto e assim fazendo com que as opiniões dos leitores sejam influenciadas ou amenizadas. Para isso, primeiramente através da representação dos atores sociais buscamos perceber qual o papel atribuído a agressores e vítimas nas manchetes analisadas, se eram incluídos ou excluídos, passivos ou ativos. Usando a transitividade, fizemos uma descrição das orações, para ver o que aparecia como Ator, Meta, Circunstância, Processo, para com isso entender as escolhas linguísticas de quem escreveu a manchete, e perceber qual papel o mesmo atribuiu a cada informação apresentada. Com a estrutura temática, podemos perceber qual a informação mais importante para quem escreveu a manchete, o que

foi colocado como tema central da informação. Através destas ferramentas podemos perceber qual a intenção de quem escreveu determinada manchete, que significado foi tentado atribuir a esta. Todas estas ferramentas estão disponíveis para visualização na parte dos apêndices, com as manchetes analisadas.

5 ANÁLISE DOS RESULTADOS

As seguintes análises foram feitas apoiadas na ADC, usando como principais ferramentas as formas de representação dos atores sociais, o sistema de transitividade e o sistema de estrutura temática.

A partir da descrição e análise das manchetes, foi possível separá-las em cinco grupos, conforme os significados identificados: 1) Manchetes em que o foco está na prisão do agressor e/ou investigação do crime; 2) Manchetes em que o agressor não aparece; 3) Manchetes em que o foco está em uma situação que não o estupro; 4) Manchete em que o estupro aparece como uma consequência de uma atitude da mulher; 5) Manchete em que o foco está em outro crime e não no de estupro. A seguir apresentamos cada um dos grupos.

5.1 Manchetes em que o foco está na prisão do agressor e/ou investigação do crime

O primeiro grupo traz manchetes em que o estupro é colocado em segundo plano, de forma com que pareça apenas um motivo para a prisão do agressor, sendo o foco principal do texto a prisão e não o crime de estupro. As manchetes M3, M5, M6, M7 e M10, retomadas abaixo, demonstram essa ocorrência.

M3	Homens são presos por suspeitas de estupro de vulnerável, em Pinheiral (G1)
----	---

M5	Idoso é preso por estupro de vulnerável após ser flagrado pela companheira cometendo abuso (G1)
----	---

M6	Homem é preso suspeito de abuso sexual contra a enteada de 7 anos, em João Pessoa (G1)
----	--

M7	Massoterapeuta é investigado por suspeita de abuso sexual contra clientes em SC (G1)
----	--

M10	Caseiro é preso após filmar estupro de criança de 8 anos no DF (Metrópoles)
-----	---

Entre as dez manchetes selecionadas, há cinco em que o foco é a prisão do agressor ou investigação do caso e não no crime em si, fazendo com que haja uma passivação deste agressor. Essa construção torna o fato de ter cometido um estupro apenas como o motivo para este ter sido preso.

Apresentando a manchete desta forma, o fato de ter ocorrido um estupro fica em segundo plano e deixa de ser o que de pior aconteceu naquele contexto. Ao não tratar o crime de forma direta, com o agressor sendo o agente ativo e fazendo um processo material que seria o estupro, o texto acaba causando uma suavização do delito ocorrido.

Essa constatação foi possível por meio da análise transitividade, pois nestas manchetes os agressores aparecem como Meta, ou seja, sofrem a ação expressa pelo processo (verbo), e o estupro é apresentado como Circunstância do processo material que foi a prisão/investigação. Há também o fato de que os agressores estão incluídos por passivação, sendo a polícia (que seria quem prende) ou os investigadores, os atores sociais excluídos.

Além disso, em relação à estrutura temática, podemos observar que o Tema são sempre os agressores. Com isso, o que vemos é uma suavização do crime, que perde o lugar em evidência dando lugar a algo que é apenas uma consequência dele próprio que é a prisão do agressor, causando uma suavização para quem está lendo estas manchetes.

Podemos perceber que dessas cinco manchetes, quatro apresentam um crime que deveria ser considerado hediondo, já que além de ser um caso de estupro são estupros contra crianças e vulneráveis e mesmo assim isso acaba ficando apagado. Como estudos prévios indicam, desde a pré-história existem crimes hediondos, como matar os pais, estuprar, entre outros, porém, destes, o único que é tratado dessa forma na maioria das vezes é o estupro. Isso é pior ainda quando o crime é cometido contra uma pessoa adulta, levando em conta que é mais fácil para a sociedade atribuir uma culpa quando a mulher já não é mais criança ou adolescente.

5.2 Manchetes em que o agressor não aparece

O segundo grupo apresenta manchetes em que sequer o agressor aparece, sendo voltada apenas para a vítima, como se o estupro fosse algo que acontecesse sozinho, e não através de uma ação de outra pessoa. As manchetes M8 e M9 retratam essa ocorrência.

M8	Adolescente de 14 anos é estuprada a caminho da escola no DF (Metrópoles)
M9	Após “gravidez em banheira de hotel”, mulher alega ter sofrido estupro (Metrópoles)

Na primeira manchete, fica parecendo que o estupro é uma “ação da natureza”, algo que acontece por si só, e não um crime causado por um agressor. A forma como a manchete é apresentada dá a entender que simplesmente esta adolescente estava indo para escola e foi estuprada, o agressor é excluído do texto.

Na segunda manchete, parece que esta mulher engravidou primeiro e depois teve a ideia de alegar um estupro. Isso fica mais evidente ainda pela escolha do processo verbal “alegar” ao invés de “afirmar” por exemplo. M9 ainda vai um pouco além, pois, além desse estupro parecer uma mentira da vítima, até o fato dela ter ficado grávida parece que aconteceu por si só, não aparece palavra agressor, ou até mesmo a palavra homem, simplesmente a mulher está sozinha.

Em ambas manchetes, em um primeiro momento parece que as únicas envolvidas eram as vítimas, já que os agressores estão excluídos por supressão, que é quando há ocultação total dos mesmos na oração. As únicas participantes são as vítimas, sendo que na primeira a adolescente está incluída por passivação, e na segunda a mulher está incluída por ativação, enquanto o agressor nem sequer aparece.

Há também o fato de que na primeira manchete o Tema é “adolescente de 14 anos” e na segunda “Após gravidez em banheira de hotel”. Essa construção faz com que mais uma vez o estupro seja o Rema e não a parte principal na organização da manchete. Isso é bem contraditório, levando em conta que em uma manchete sobre um crime, o mínimo que se espera é que o tema principal seja o crime propriamente dito. Além do mais, há o fato da escolha vocabular “alegar”, que deixa um ar de dúvida para o leitor, ainda mais se isso for conectado com o fato da mulher estar “alegando” um estupro após uma gravidez.

5.3 Manchetes em que o foco está em uma situação que não é o estupro

O terceiro grupo retrata uma situação em que o foco da manchete é algo decorrente do estupro e não o estupro em si. Em M4, podemos verificar essa ocorrência.

M4	Irmãs engravidaram quatro vezes após serem estupradas pelo mesmo homem (Metrópoles)
----	---

Nesta manchete, o agressor aparece e o estupro também, porém ambos em segundo plano, o foco não é ter ocorrido vários estupros, mas sim a gravidez das irmãs. Isso faz com que não se pareça com uma notícia de um crime tão horrível, mas sim de uma curiosidade em razão dessas gestações.

A análise da estrutura temática demonstra que o Tema dessa manchete são as irmãs, e não o estupro e nem quem o praticou. Além disso, e embora o homem apareça incluído por ativação, a maneira como está apresentado dá a impressão de que ele é apenas uma peça para a curiosidade que são essas gestações.

Tudo fica pior quando pensamos que para isso ter acontecido possivelmente esse agressor era alguém da família ou pelo menos muito próximo, e em todo o terror que essas irmãs passaram, pois, para que as duas tenham engravidado tantas vezes, passaram um grande período de tempo sendo estupradas por esse homem. Todavia, tudo isso parece algo tão banal, levando em conta a forma como foi colocado, a impressão é que se está falando de uma curiosidade qualquer.

5.4 Manchete em que o estupro aparece como uma consequência de uma atitude da mulher

O quarto grupo retrata uma manchete em que o estupro parece que foi consequência de uma atitude tomada pela vítima, ficando subentendido que, se a

mulher não tivesse cometido tal ação, o estupro não teria ocorrido. Em M2, identificamos essa ocorrência.

M2	Mulher marca encontro pelo Facebook, é estuprada e teme estar grávida do agressor (Metrópolis)
----	--

A construção da manchete sugere que o fato de ter ocorrido um estupro se deu como uma consequência do ato da mulher ter marcado um encontro pelo Facebook. Logo é algo que aconteceu por uma ação da vítima e não de um agressor. Novamente fica subentendido que a mulher precisa se prevenir para não ser estuprada, pois, se ela não tivesse tomado tal atitude, isso não teria acontecido, o que acaba fazendo com que haja um esquecimento de que existe um criminoso que cometeu o estupro, e isso sim é algo que não deve ser feito.

Podemos confirmar essa interpretação a partir da análise da transitividade. Ao separarmos esta manchete em duas orações, na primeira, a mulher é Ator do Processo material *marcar*, ou seja, o participante responsável pela ação expressa pelo processo (verbo) e o fato de ser pelo Facebook é uma Circunstância. Na segunda oração, a mulher é representada como Meta do processo material *ser estuprada*. O Ator do processo não é mencionado, isto é, mais uma vez o agressor é excluído por supressão. Portanto, o único ator social incluído por ativação é a mulher, por ter marcado o encontro.

5.5 Manchete em que o foco está em outro crime e não no crime de estupro

Por fim, o quinto grupo apresenta uma manchete em que o foco está em outro crime, e, em mais uma vez, o estupro aparece como um motivo para tal crime ter ocorrido. Em M1, identificamos essa ocorrência.

M1	Jovem esfaqueia sogros após namorada de 16 anos dizer que era estuprada
----	---

Nesta manchete, o foco está no crime que o jovem cometeu ao saber que a namorada havia sido estuprada pelos próprios pais. Mesmo que se esteja falando do abuso de uma menor de idade pelos familiares, algo que é terrível, já que estes pais

deviam proteger esta filha, o estupro é apresentado como uma Circunstância para o crime deste jovem.

A partir da análise da transitividade, podemos ver que o *jovem* é representado como Ator do Processo Material *esfaquear*, e a Meta são os sogros. A Circunstância foi a namorada ter contado o que os pais faziam com ela. Mais uma vez o estupro está em segundo plano, sendo que o foco é o crime de arma branca.

Neste caso também podemos observar a única ocorrência em que um crime é tratado de forma direta, dos crimes casos analisados neste estudo, aparecendo de forma explícita quem fez e o que fez: “Jovem esfaqueia sogros...”, mostrando que, nas manchetes analisadas, somente em casos de estupro o crime foi tratado de forma indireta, causando suavização. Afinal das dez manchetes analisadas, nove falavam apenas sobre estupros ocorridos, e em nenhuma dizia algo nem parecido com: “Homem estupra mulher...” ou “Homem estupra criança”, por exemplo. Nos casos de estupro, o agressor não aparece ou aparece de forma passiva.

Nesse sentido, poderíamos até pensar que seria uma regra não falar de forma tão direta dos crimes, mas isso é refutado com esta última manchete. Ao consultar o Manual de Redação e Estilo, do Jornal Estado de São Paulo (MARTINS, 1997), o documento informa que se pode falar diretamente sobre determinado crime somente se o crime for muito grave. Ao apresentar, nas manchetes, o estupro em segundo plano, esse crime não está incluído dentre os considerados graves. Com isso, está manchete serve justamente para ilustrar isso e mostrar que é possível se colocar o criminoso em evidência, sendo incluído de forma ativa, o que não acontece em casos de estupro.

Além disso, o fato de, no Manual de Redação, existir essa necessidade de que, quando se está se falando de um crime hediondo, deve ser apresentado de forma mais clara possível e o estupro simplesmente não fazer parte desse tipo de crimes é algo que deve pelo menos fazer pensar.

É importante esclarecer que em nenhum momento neste trabalho o objetivo era encontrar uma manchete que apresentasse o nome próprio do agressor, mas sim, uma manchete em que o crime de estupro estivesse em evidência, e aparecesse um sujeito ativo, responsável pelo estupro, podendo ser o mesmo, um “homem”,

“agressor”, “abusador”, “estuprador”, e que este estupro fosse um processo material desse ator social incluído por ativação

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora com um *corpus* não muito extenso, acreditamos que conseguimos alcançar os objetivos propostos neste trabalho, sendo eles Analisar manchetes de notícias sobre estupro e perceber quais papéis são atribuídos à mulher (vítima) e ao homem (agressor) nos referidos textos, e os objetivos específicos: Estudar as escolhas linguísticas relacionadas ao homem e a mulher nessas manchetes; Interpretar os significados que esses papéis geram; Verificar como esses papéis e seus significados se relacionam com a cultura do estupro.

Acredito que, levando a análise em consideração, o que podemos concluir é que existe uma grande dificuldade em tratar o crime de estupro nas manchetes analisadas de forma direta, de modo que faça com que este tipo de crime choque da forma que deve chocar o leitor. Afinal, não estamos falando de qualquer ação criminosa, mas sim de uma violência seríssima que muitas mulheres, adolescentes e crianças sofrem ao longo da história do mundo, fazendo com que fiquem com sequelas físicas e psicológicas, bem como traumas que jamais são esquecidos.

Percebemos um código de ética arbitrário em que outros crimes são representados de maneira direta, com um agressor ativo, enquanto nos casos estudados o agressor está sempre apresentado de forma passiva ou excluído, fazendo com que haja uma certa zona de conforto para ele, e para quem lê.

É necessário ressaltar que mesmo que ao longo da notícia as informações fiquem explícitas, estamos em uma era digital em que muitas pessoas apenas leem as manchetes e não abrem a matéria para leitura completa, já tirando suas próprias conclusões apenas com a leitura da manchete. Isso acaba fazendo com que o estupro siga sempre sendo visto como algo que não é nada de mais, e muitas vezes vendo o estupro apenas como uma simples consequência de uma atitude totalmente descabida da mulher, como colocar uma roupa curta, o que é uma grande distorção de valores, em nosso ponto de vista.

Enquanto o estupro não for tratado como o crime hediondo que é, e os agressor permanecerem nessa zona de conforto, as mulheres nunca poderão ter paz e liberdade. Precisamos rever nossos conceitos e a forma de representar através da linguagem, para que as coisas sejam finalmente colocadas em seus devidos lugares.

Os dados da análise nos permitiram chegar à conclusão de que muitas vezes os papéis entre agressor e vítima estão invertidos, já que ocorre uma ativação da vítima e passivação ou exclusão do criminoso. Essas escolhas linguísticas, portanto, pesam e muito nessa questão, construindo uma suavização do crime e colaborando para a perpetuação da cultura do Estupro, que é usada para controlar as mulheres e suas escolhas em nossa sociedade patriarcal.

Para finalizar, ressaltamos que seria interessante pesquisas mais aprofundadas nesse assunto, como por exemplo, a análise da notícia completa, para compreender se, ao longo da notícia, essas informações são colocadas da forma correta ou se a forma da manchete é levada até o fim da notícia.

REFERÊNCIAS

CAMPOS, A. A. Dossiê: Feminismo, machismo e a cultura do estupro. A cultura do estupro como método perverso de controle nas sociedades patriarcais. *Revista Espaço Acadêmico*, no 183. Agosto/ 2016.

CAMARGO, S. A. P; NETO, L. F. S. *Sexualidade e Gênero*. Sorocaba. 2017;19(4):165-6.

Conselho Nacional do Ministério Público. CNMP. *Crime hediondo*. Disponível em: <https://www.cnmp.mp.br/portal/institucional/476-glossario/8190-crime-hediondo>

FAIRCLOUGH, N. *Discurso e mudança social*. Tradução de Izabel Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001 [1992].

FUZER, C; CABRAL, S. R. S. *Introdução à gramática sistêmico-funcional em Língua Portuguesa*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2014.

FUZER, C. Formas de representação de atores sociais no contexto jurídico penal. *The ESPecialist*, vol. 31, no 1 (21-47). Santa Maria, 2010.

GOULART, E. S. *Se isso não é consensual é o quê então?: A cultura do estupro manifesta em comentários de uma notícia sobre abuso sexual*. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras – Português e Literaturas de Língua Portuguesa) – Universidade Federal do Pampa, Campus Bagé, Bagé, 2020.

HALLIDAY, M. A. K; MATTHIESSEN, C. *An introduction to functional grammar*. 3rd ed London: Arnold, 2004.

HINTZE, H. *Desnaturalização radical do machismo estrutural – Primeiras aproximações*. Estudos Reunidos, Volume 82/ Organização Hélio Hintze – 1. Ed. – Jundiaí: Paco editorial, 2020.

LAURETIS, T. A tecnologia de gênero In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org). *Pensamento feminista: conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019.

MAGALHÃES, I. Introdução: À Análise de Discurso Crítica. Universidade de Brasília, *D.E.L.T.A.*, 21: Especial, 2005.

MARTINS, E. *O ESTADO DE S.PAULO. Manual de redação e estilo*. 3º edição. São Paulo, 1997

MESQUITA, Y. M; CORRÊA, H. C. S. A “Masculinidade Tóxica” em Questão: Uma Perspectiva Psicanalítica. *Revista Subjetividades* e-ISSN: 2359-0777, 2021.

OLIVEIRA, C. O machismo estrutural do nosso dia a dia. *Revista Cult*, 2019. Disponível em <https://revistacult.uol.com.br/home/machismo-estrutural-do-nosso-dia-a-dia/>

OLIVEIRA, L. A; CARVALHO M. A. B. Capítulo 11: Fairclough. Publicado no livro *Estudos do discurso: perspectivas teóricas*. São Paulo, 2013

PISCITELLI, Adriana. Gênero: a história de um conceito. *Sociedade em foco*, 2012.

SANTOS, Tainá Bettim dos e BARCELLOS, Olinda. *Cultura do estupro no Brasil: origem e fundamentos em uma sociedade patriarcal*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. XV seminário internacional, 2018. Disponível em <https://online.unisc.br/acadnet/anais/index.php/sidssp/article/view/18821/1192612082>

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org). *Pensamento feminista: conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019.

VAN LEEUWEN, Theo. A representação dos atores sociais. In: PEDRO, Emília Ribeiro. (Org.) *Análise crítica do discurso*. Alfragide: Caminho, 1997.

VIEIRA, Josenia Antunes e MACEDO, Denise Silva. Conceitos-chave em Análise de Discurso Crítica. *Análise de discurso crítica para linguistas e não linguistas*. Parábola, SP, 2018.

WODAK, Ruth. Do que trata a ACD - Um resumo de sua história, conceitos importantes e seus desenvolvimentos. *Linguagem em (Dis)curso - LemD*, Tubarão, v. 4, n.esp, p. 223-243, 2004

REFERÊNCIAS DAS NOTÍCIAS

G1 - O portal de notícias da Globo. **Homem é preso suspeito de abuso sexual contra enteada de 7 anos em João Pessoa**. Disponível em: <https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2022/01/31/homem-e-presosuspeito-de-abuso-sexual-contra-enteada-de-7-anos-em-joao-pessoa.ghtml>

G1 - O portal de notícias da Globo. **Homens são presos por suspeita de estupro de vulnerável em Pinheiral**. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/sul-do-rio-costa-verde/noticia/2021/11/01/homens-sao-presospor-suspeita-de-estupro-de-vulneravel-em-pinheiral.ghtml>

G1 - O portal de notícias da Globo. **Idoso é preso por estupro de vulnerável após ser flagrado pela própria companheira cometendo abusos.** Disponível em: <https://g1.globo.com/to/tocantins/noticia/2021/12/30/idoso-e-preso-por-estupro-de-vulneravel-apos-ser-flagrado-pela-propria-companheira-cometendo-abusos.ghtml>

G1 - O portal de notícias da Globo. **Massoterapeuta é investigado por suspeita de abuso sexual contra clientes em SC.** Disponível em: <https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2022/02/15/massoterapeuta-e-investigado-por-suspeita-de-abuso-sexual-contra-clientes-em-sc.ghtml>

Metrópolis. **Adolescente de 14 anos é estuprada a caminho da escola no DF.** Disponível em: <https://www.metropoles.com/distrito-federal/adolescente-de-14-anos-e-estuprada-a-caminho-da-escola-no-df>

Metrópolis. **Após gravidez em banheira de hotel mulher alega ter sofrido estupro.** Disponível em: <https://www.metropoles.com/colunas/pipocando/apos-gravidez-em-banheira-de-hotel-mulher-alega-ter-sofrido-estupro>

Metrópolis. **Caseiro é preso após filmar estupro de criança de 8 anos no DF.** Disponível em: <https://www.metropoles.com/distrito-federal/caseiro-e-preso-apos-filmar-estupro-de-crianca-de-8-anos-no-df>

Metrópolis. **Irmãs engravidaram quatro vezes após serem estupradas pelo mesmo homem.** Disponível em: <https://www.metropoles.com/brasil/irmas-engravidaram-quatro-vezes-apos-serem-estupradas-pelo-mesmo-homem>

Metrópolis. **Jovem esfaqueia sogros após namorada de 16 anos dizer que era estuprada.** Disponível em: <https://www.metropoles.com/brasil/jovem-esfaqueia-sogros-apos-namorada-de-16-anos-dizer-que-era-estuprada>

Metrópolis. **Mulher marca encontro pelo facebook é estuprada e teme estar grávida do agressor.** Disponível em: <https://www.metropoles.com/distrito-federal/mulher-marca-encontro-pelo-facebook-e-estuprada-e-teme-estar-gravida-do-agressor>

APÊNDICES

1) Jovem esfaqueia sogros após namorada de 16 anos dizer que era estuprada

Oração 1: Jovem esfaqueia sogros após namorada de 16 anos dizer que era estuprada

Oração 2: namorada de 16 anos dizer que era estuprada

Transitividade

Jovem	esfaqueia	sogros	após namorada de 16 anos dizer que era estuprada
Ator	Proc. Material	Meta	Circunstância

Dentro da Circunstância há outra oração, marcada pela presença do verbo “dizer”. Por isso, deve ser feita a análise dessa outra oração.

namorada de 16 anos	dizer	que era estuprada
Dizente	Proc. Verbal	Relato

Estrutura temática

Jovem	esfaqueia sogros após namorada de 16 anos dizer que era estuprada
Tema	Rema

Representação dos atores sociais

Jovem – incluído por ativação

Sogros – incluído por passivação

Namorada de 16 anos – incluída por passivação

2) Mulher marca encontro pelo Facebook, é estuprada e teme estar grávida do agressor

Oração 1: Mulher marca encontro pelo Facebook

Oração 2: [Mulher] é estuprada

Oração 3: [Mulher] teme estar grávida do agressor

Transitividade

Mulher	marca	encontro	pelo Facebook
Ator	Proc. Material	Meta	Circunstância

[Mulher]	É estuprada	
Meta	Proc. Material	Ator

[Mulher]	teme	estar grávida do agressor
Experienciador	Proc. Mental	Fenômeno

Estrutura temática

Mulher	marca encontro pelo Facebook
Tema	Rema

Representação dos atores sociais

Mulher – incluída por ativação

Agressor – incluído ativação

3) Homens são presos por suspeitas de estupro de vulnerável, em Pinheiral

Oração 1: Homens são presos por suspeitas de estupro de vulnerável, em Pinheiral.

Transitividade

Homens	são presos	por suspeitas de estupro de vulnerável	em Pinheiral
Meta	Proc. Material	Circunstância	Circunstância

Estrutura temática

Homens	são presos por suspeitas de estupro de vulnerável, em Pinheiral.
Tema	Rema

Representação dos atores sociais

Homens – incluído por passivação

vulnerável - incluído por passivação

polícia - excluída

4) Irmãs engravidaram quatro vezes após serem estupradas pelo mesmo homem

Oração 1: Irmãs engravidaram quatro vezes

Oração 2: após [irmãs] serem estupradas pelo mesmo homem

Transitividade

[Irmãs]	serem estupradas	pelo mesmo homem	
Meta	Proc. Material	Ator	

Estrutura temática

[Irmãs]	serem estupradas pelo mesmo homem
Tema	Rema

Transitividade

Irmãs	engravidaram	quatro vezes	
Comportante	Proc. comportamental	Circunstância	

Estrutura temática

Irmãs	engravidaram quatro vezes
Tema	Rema

Representação dos atores sociais

Irmãs – incluído por passivação

Homem - Incluído por ativação

5) Idoso é preso por estupro de vulnerável após ser flagrado pela companheira cometendo abuso

Oração 1: Idoso é preso por estupro de vulnerável

Oração 2: [Idoso] após ser flagrado pela companheira

Oração 3: [idoso] cometendo abuso

Transitividade

[Idoso]	ser flagrado	pela companheira	
Meta	Proc. Material	Ator	Circunstância

Estrutura temática

Idoso	é preso por estupro de vulnerável após ser flagrado pela companheira comentendo abuso		
Tema	Rema		

Transitividade

Idoso	é preso	por estupro de vulnerável	
Meta	Proc. Material	Circunstância	

Estrutura temática

Idoso	é preso por estupro de vulnerável		
Tema	Rema		

Idoso	cometendo	abuso
Ator	Proc. Material	Meta

Representação dos atores sociais

Idoso – incluído por passivação

Companheira - Incluído por ativação

vulnerável - incluído por passivação

polícia - excluído

6) Homem é preso suspeito de abuso sexual contra a enteada de 7 anos, em João Pessoa

Oração 1: Homem é preso suspeito de abuso sexual contra a enteada de 7 anos, em João Pessoa

Transitividade

Homem	é preso	suspeito de abuso sexual contra a enteada de 7 anos, em João Pessoa	
Meta	Proc. Material	Circunstância	

Estrutura temática

Homem	é preso suspeito de abuso sexual contra a enteada de 7 anos, em João Pessoa		
Tema	Rema		

Representação dos atores sociais

Homem– incluído por Passivação

Enteada de 7 anos - Incluída por passivação

Polícia - Excluído

7) Massoterapeuta é investigado por suspeita de abuso sexual contra clientes em SC

Oração 1: Massoterapeuta é investigado por suspeita de abuso sexual contra clientes em SC

Transitividade

Massoterapeuta	é investigado	por suspeita de abuso sexual contra clientes em SC	
Meta	Proc. Material	Circunstância	

Estrutura temática

Massoterapeuta	é investigado por suspeita de abuso sexual contra clientes em SC		
Tema	Rema		

Representação dos atores sociais

Massoterapeuta– incluído por passivação

Clientes - Incluído por passivação

[Investigadores]: Excluídos

8) Adolescente de 14 anos é estuprada a caminho da escola no DF

Oração 1: Adolescente de 14 anos é estuprada a caminho da escola no DF

Transitividade

Adolescente de 14 anos	é estuprada	a caminho da escola no DF	
Meta	Proc. Material	Circunstância	

Estrutura temática

Adolescente de 14 anos	é estuprada a caminho da escola no DF
Tema	Rema

Representação dos atores sociais

Adolescente – incluído por passivação

Agressor - Excluído

9) Após “gravidez em banheira de hotel”, mulher alega ter sofrido estupro

Oração 1: Após “gravidez em banheira de hotel”, mulher alega ter sofrido estupro

Transitividade

mulher	alega	ter sofrido estupro	Após “gravidez em banheira de hotel”
Ator	Proc. Verbal	Meta	Circunstância

Estrutura temática

Após “gravidez em banheira de hotel”	mulher, alega ter sofrido estupro
Tema	Rema

Representação dos atores sociais

Mulher – incluído por ativação

Agressor - excluído

10) Caseiro é preso após filmar estupro de criança de 8 anos no DF

Oração: Caseiro é preso após filmes estupro de criança de 8 anos no DF

Transitividade

Caseiro	é preso	Após filmar estupro de criança de 8 anos no DF	
Meta	Proc. Material	Circunstância	

Estrutura temática

Caseiro	é preso após filmar estupro de criança de 8 anos no DF
Tema	Rema

Representação dos atores sociais

Caseiro – incluído por passivação

Criança de 8 anos - incluída por passivação

Polícia - Exclu